

Brasil Econômico

Ações sustentáveis exigem US\$ 700 bilhões por ano

Depois de anos de atraso, esse é o investimento mundial necessário para reverter os prejuízos climáticos

Cláudia Bredarioli

cbredarioli@brasileconomico.com.br

Décadas de atraso na realização de ações sustentáveis e um déficit de cerca de US\$ 700 bilhões em investimentos por ano – segundo estimativa do Fórum Econômico Mundial – separam o atual nível de desenvolvimento global do patamar de sustentabilidade que seria necessário para equilibrar os desgastes que a atividade econômica traz ao planeta.

“O mundo está atrelado a um modelo econômico que não previa o desenvolvimento sustentável quando surgiu. Vivemos um patamar de sustentabilidade que começou a se consolidar mais recentemente e que, muitas vezes, contesta esse modelo”, diz Márcio Pereira, advogado especializado em Direito Ambiental do escritório L.O. Baptista. “A miséria e a defasagem econômico-social global são resultado de anos de ausência de sustentabilidade do mundo”.

Reverter esse cenário, porém, envolve uma mudança do modelo econômico para trazer, necessariamente, novas práticas que beneficiem mais os ganhos de longo prazo do que os imediatistas. Essas novas práti-

cas desafiam as empresas, no sentido em que obrigam a assimilação de novos custos. Só que, em um mundo que há anos atravessa um período de recessão, perder competitividade no mercado, com aumento de gastos, pode não ser uma estratégia prioritária para muitas companhias.

Além de novas práticas empresariais e governamentais, também é preciso investir mais nas próprias ações sustentáveis. Cálculo do Fórum Econômico Mundial aponta que um aumento anual de US\$ 36 bilhões nos gastos públicos globais contra a mudança climática, passando de US\$ 90 bilhões para US\$ 126 bilhões por ano, poderia desencadear um investimento privado ainda maior, num valor de até US\$ 570 bilhões por ano.

Mas os governos e a iniciativa privada nem sempre têm conseguido trabalhar conjuntamente na questão climática, segundo análise do Fórum Econômico Mundial, apesar da urgência que o tema apresenta. “Moldar uma economia global adequada ao século 21 é o nosso maior desafio”, escreveu no relatório o ex-presidente mexicano Felipe Calderón.

Limites do planeta

Dados do Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) apontam que o atual nível de consumo já supera em 25% a capacidade de reposição da biosfera planetária. E esse déficit tem aumentado ano após ano. As previsões do Pnuma são de que em meio século a exigência humana sobre a natureza será duas vezes superior à capacidade de reposição da biosfera e é provável a exaustão dos ativos ecológicos, assim como o colapso dos ecossistemas em larga escala.

“Os avanços alcançados nas

Atual nível de consumo já supera em 25% a capacidade total de reposição da biosfera planetária



questões de sustentabilidade estão muito aquém do necessário, se fizermos uma comparação com o quanto já utilizamos do planeta. Mas, pela ótica global, não há tempo nem possibilidade para buscar culpados, é preciso que a reversão desse cenário seja assumida como uma tarefa de todos”, pondera Pereira.

Para desenrolar esse imbróglio, segundo o advogado, a saída está em desenvolver várias possibilidades concomitantemente, mesmo que algumas dessas apostas não apresentem resultados imediatos ou dentro do nível de satisfação esperado.

“É um erro apostar em uma só vertente. Não há uma saída única em sustentabilidade, especialmente porque muitas coisas ainda estão sendo testadas e várias delas apresentam restrições tecnológicas ou de viabilidade econômica para serem adotadas”, diz Márcio Pereira.

Isso explica, conforme o **BRASIL ECONÔMICO** mostra na página ao lado, porque algumas iniciativas sustentáveis ainda patinam para ganharem volume e se tornarem uma alternativa viável de consumo que possa substituir outras mais poluentes ou prejudiciais ao planeta. ■

GRANDES DESAFIOS | Construção de um mundo sustentável envolve esforço conjunto em várias searas

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

- O mundo precisa gastar mais **US\$ 700 bilhões** por ano para controlar a mudança climática
- Esses **US\$ 700 bilhões** terão de se somar a **US\$ 5 trilhões** a serem gastos por ano até 2020 em obras de infraestrutura
- Um aumento anual de **US\$ 36 bilhões** nos gastos públicos globais contra a mudança climática poderia desencadear um investimento privado de até **US\$ 570 bilhões** por ano
- O investimento global em energias renováveis em 2011 bateu um novo recorde, chegando a **US\$ 257 bilhões**, uma **alta de 17%** em relação ao ano anterior
- Mudanças climáticas causam anualmente **5 milhões** de mortes e representam um custo de **US\$ 12 trilhão** (ou 1,6% do PIB mundial)

RECURSOS BRASILEIROS

- O Brasil concentra entre **15% e 20%** da biodiversidade global, além de **12% a 13%** do fluxo hídrico superficial de todo o planeta, num mundo carente desse recurso
- Mas a distribuição da água é muito desigual: **72%** estão na Amazônia, o Sudeste tem **6%**, a Bacia do São Francisco detém **1,7%** e a do Paraíba do Sul detém **1,8%**.
- O único estado brasileiro em situação crítica é Pernambuco, que utiliza para o abastecimento humano mais de **20%** da disponibilidade, índice que é considerado como limite
- O Nordeste apresenta problemas peculiares, tem **70 mil açudes** com **36 bilhões de metros cúbicos**, mas essa água não é distribuída e tem altíssimo índice de evaporação, que pode chegar a **70%**

ENERGIA

- O consumo de energia no planeta vai aumentar **71%** até 2030
- **80%** das emissões se devem à queima de combustíveis fósseis, principalmente para geração de energia
- Os países industrializados consomem **51%** da energia total, mas, como eles têm uma população que não chega a **20%** da mundial, cada habitante dos países ricos emite **11 vezes** mais do que um habitante das nações mais pobres
- As hidrelétricas produzem hoje **20%** da energia mundial, mas há muita pressão da agropecuária em relação aos recursos hídricos

ÁGUA E SANEAMENTO

- Doenças veiculadas pela água são a segunda causa de morte de crianças com menos de **5 anos** no mundo
- **125 milhões** de crianças vivem em casas sem água potável de boa qualidade
- **23%** da população mundial não tem sequer instalações sanitárias e defeca ao ar livre
- Se o saneamento fosse universalizado, as doenças diarreicas poderiam se reduzir em **32%**
- No Brasil, **80%** das internações e das consultas pediátricas na rede pública se devem a doenças veiculadas pela água, principalmente infecções intestinais
- Nos países em desenvolvimento, esses males matam **1,7 milhão** de pessoas por ano



Fontes: Fórum Econômico Mundial, Organização das Nações Unidas, Agência Internacional de Energia



Construção amplia prática ambiental

Maioria das medidas, em razão de custos, é adotada em empreendimento de alto padrão

Ainda que restritas às incorporações de alto padrão, as práticas sustentáveis têm sido adotadas cada vez com mais frequência na construção civil. Soluções sobre o que fazer com o lixo, reúso de água para paisagismo e vasos sanitários, economia de energia e telhados verdes estão entre as medidas que começam a ganhar escala e se tornar viáveis nos canteiros de obra.

“Essa é uma mudança recente, que tem acontecido em decorrência da importância que as certificações ganharam nos empreendimentos corporativos. Isso começou a tomar uma proporção maior em 2008 e, a partir daí, com o aumento da demanda por tecnologias sustentáveis, também houve redução dos custos para o acesso a essas tecnologias”, constata Hilton Rejman, diretor de Desenvolvimento da CCP – Cyrela Commercial Properties.

Segundo Rejman, os locatários de espaços em prédios comerciais já dão preferência por instalar suas empresas em empreendimentos certificados e têm, cada vez mais, identificado mais vantagens nessa escolha. “Ainda esbarramos na ques-

tão do custo, que é mais alto em um prédio sustentável, mas acredito que em pouco tempo essa questão do preço vai se diluir e esses empreendimentos terão larga preferência em relação aos demais”, diz.

Obras ainda não têm resposta ambientalmente correta para reciclagem de gesso, graxa ou óleo

Murilo Cerdeira, diretor-executivo da Brasilincorp, acredita que a tendência para a adoção de medidas que reduzam ao máximo o impacto ao meio ambiente pela construção veio para ficar. O executivo pondera, contudo, que, apesar de várias tecnologias já terem evoluído e se tornado mais acessíveis, ainda não é viável sua adoção em empreendimentos que não sejam de alto padrão. “Vamos caminhar para isso, mas será um processo”, diz.

Cerdeira acrescenta ainda que, embora em diversas áreas haja práticas ambientalmente corretas, muitas outras ainda exigem aprimoramento para

que todo o processo da construção seja sustentável. “Há necessidade de novas tecnologias ou de custos mais acessíveis, por exemplo, para reciclagem de elementos como gesso, graxa ou óleo”, pondera.

Dentro do que está disponível, a Brasilincorp tenta utilizar a maioria dos recursos. Em um dos empreendimentos em fase de conclusão, localizado na Avenida Faria Lima, em São Paulo, várias dessas medidas são adotadas já pensando em novas possibilidades que poderão se tornar mais usuais na sociedade – entre elas, está a disponibilização de pontos com carregadores para carros e outros veículos leves movidos a eletricidade.

O edifício terá uma estação de tratamento de água de reúso (lavatórios, chuveiros e condensação das máquinas de ar-condicionado) e das chuvas que atenderá em 100% a irrigação destas áreas. Além disso, o sistema de controle do ar-condicionado poderá enviar relatório de mau funcionamento por e-mail e o diagnóstico poderá ser feito online diretamente pelo fabricante. Toda a tubulação do sistema de ar-condicionado foi embalada para que não fosse contaminada por fungos e bactérias e proporcionar, assim, o máximo de conforto ambiental. ■ C.B.